



Cultura y historia en exilio: las obras de Otto Maria Carpeaux e Villem Flusser

Maurício Barreto Alvarez Parada

mparada@ig.com.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Autoriza publicación

Esta ponencia esta incluida en una investigación más amplia cuyo objetivo es hacer una análisis desde a producción de intelectuales que llegarán en Brasil como exilados entre los dos conflictos mundiales. Brasil es frecuentemente visto como un país de inmigrantes o viajeros, y no a través de la mirada del exilado. Como si el país no había recibido un importante grupo de exilados y que muchos de ellos no han dejado importantes relatos de su condición de desplazamiento.

El exilio impregna la literatura como una metáfora, incluso siendo considerada como el arquetipo de la situación del escritor o artista. Hace importante recordar aquí Adorno cuando dice que el sentimiento de extrañeza, de no sentirse en casa estando en casa, es la única postura moral aceptable.

Si analizamos la literatura y la producción intelectual de los exiliados en Brasil a lo largo del siglo XX, encontramos ejemplos de todas estas manifestaciones de la condición impuesta en la eliminación del exilio. Esta comunicación se centra en la experiencia del exilio dos intelectuales importantes, a saber: Otto Maria Carpeaux y Flusser Villem. El primer, austriaco y católico, fue un importante crítico literario en Brasil entre los años de 1945-1968, el segundo, checo e judío, tiene una obra filosófica reconocida internacionalmente.

Palabras claves: exilio; Brazil; desplazamiento; intelectuales

Abstract

This paper is included in a wider investigation whose objective is to make an analysis from a production of intellectuals who arrive in Brazil as exiles between the two world wars. Brazil is often seen as a country of immigrants or travelers, and not through the eyes of the exile. As if the country had not hosted an important group of exiles and many of them have left important accounts of his condition of displacement.

The exile pervades the literature as a metaphor, even being considered as the archetype of the situation of the writer or artist. Adorno makes important to remember here when he says that the feeling of strangeness, of not feeling at home being at home, is the only acceptable moral stance.

If we analyze the literature and intellectual production of the exiles in Brazil throughout the twentieth century, we find examples of all these manifestations of the condition imposed by the elimination of exile. This paper focuses on the experience of exile two important intellectuals , namely : Otto Maria Carpeaux and Villem Flusser . The first, an Austrian and a Catholic, was an important literary critic in Brazil between the years of 1945-1968 , the second one, Czech and Jewish , its internationally renowned philosophical work .

Key Words: Exile; Brazil; Displacement; intellectuals

Ponencia

Cultura y história en exílio: las obras de Otto Maria Carpeaux e Villém Flusser”

É sempre difícil encontrar o limite entre a imigração e o exílio nos documentos, somente através de relatos, autobiografias ou diários é possível atestar a condição de uma viagem movida pela perseguição e pela intolerância política, religiosa ou étnica. Entre 1929 e 1945 entraram no Brasil cerca de 465.000 estrangeiros, muitos chegaram na condição de exilados, fugidos das perseguições políticas na Europa e da crise econômica do entreguerras. Os portugueses constituíram um fluxo de deslocamento constante e vigoroso desde o início do século, e mais de 900.000 vieram para o Brasil entre 1904 e 1933. O pico de deslocamento de italianos se deu entre 1904 e 1913, e estima-se que, a partir de 1933, 16.000 alemães e austríacos encontraram refúgio no país.

Uma imagem que poderia sintetizar essa diferença entre o imigrante e o exilado pode ser encontrada em um texto do escritor Moacir Scliar, nascido em Porto Alegre no centro da comunidade judaica local, no bairro do Bom Fim, intitulado *Max e os felinos*. Na pequena novela, Scliar narrou a história do jovem judeu alemão Max Schmidt que, depois de diversos percalços em Berlim às vésperas da Guerra, embarca fugido no porto de Hamburgo em um navio para o Brasil. Uma das viradas da trama ocorre no momento em que se dá a situação da fuga/travessia pelo mar: o velho navio (em um ganancioso

golpe do capitão e do proprietário) é posto a pique e Max é abandonado pela tripulação. O herói se salva em um escaler, mas fica preso no bote junto com um jaguar. O centro da questão está na impossibilidade de retorno que sugere o afundamento do navio. Esse é o mesmo horizonte de expectativa de todo perseguido que foge e o que o diferencia do imigrante. Sua trajetória depende de situações que não controla, em condição de instabilidade perpétua convive e negocia sua experiência com o outro.

O exilado vive sob a pressão de adaptar-se à nova realidade, mas conforme as referências idealizadas de um tempo passado e de um lugar que não mais existe. Nesse sentido, não são poucas as tentativas de exilados que tentam reproduzir no exílio seu lugar de origem, como o “pequeno Portugal” dos expatriados do salazarismo no Brasil. Cultivando uma rede de referências que mantém atualizada a ilusão da origem e do retorno, criam-se dois mundos e dois tempos. O presente vivido está afastado do passado, cultivado como ideal na memória daqueles que compartilham a distância do lugar de que foram expulsos.

Dentre os muitos exilados que fizeram do Brasil sua nação de acolhimento, estão italianos, portugueses, espanhóis, russos, poloneses, franceses, sírios, libaneses e pessoas de muitas outras nacionalidades. Sobrepõem-se às nacionalidades as identidades religiosas judeus, protestantes, cristãos, cristãos maronitas, sírios alauítas etc.

Gostaria de restringir os exemplos, neste texto, a dois casos que compõem um conjunto coeso e ao mesmo tempo diverso. Dois exilados do antigo império austríaco que chegam ao Brasil em datas muito próximas e que tomaram atitudes muito distintas

com relação à situação de exílio e que produziram sobre o Brasil relatos muito Otto Maria Carpeaux e Villém Flusser

Carpeaux produziu com intensidade no território de seu exílio. Universalista convicto e humanista de formação, foi atropelado pela modernização conservadora das nações européias em crise. Para ele, a história é construída por homens, e a modernidade não é uma condição atrelada ao nacional. Na contramão da tradição brasileira, preocupada com a especificidade de sua brasilidade, esse exilado pertencia à outra história, àquela que remetia, parafraseando Stefan Zweig, “aos momentos decisivos da humanidade”.

Nascido Otto Karpfen, de pai judeu e mãe católica, Carpeaux cresceu e se educou na cosmopolita Viena das primeiras décadas do século XX, quando a cidade estava mergulhada numa das maiores crises de sua história. Residiu naquela cidade até março de 1938, quando foi obrigado a fugir para escapar da perseguição nazista, por ocasião da anexação da Áustria pela Alemanha.

Como a maior parte dos filhos da burguesia judaica de Viena, Otto Karpfen foi mandado à universidade para obter seu título de doutor. Na Universidade de Viena, frequentou cursos de filosofia e de química, formando-se em 1925, depois de defender tese sobre experiências físico-químicas no laboratório da fundação Spiegler. Concluído os estudos, Karpfen abandonou sua formação científica para estudar filosofia em Paris, Literatura Comparada em Nápoles e Sociologia e Política na Escola Superior de Política em Berlim. Nessas metrópoles, o jovem Karpfen viveu seus anos de formação.

Sua conversão ao catolicismo data provavelmente do início dos anos 1930. A incorporação do nome “Maria”, quando da publicação seu livro sobre teologia, *Wege*

nach Rom (Caminho para Roma), seria um sinal dessa conversão. Assim, como muitos intelectuais e artistas de sua geração, Karpfen possuía ancestralidade tanto judaica como católica, o que significava conviver com concepções de mundo bastante diferentes. Ao contrário de muitos, aproximou-se do conservadorismo católico e manteve-se distante do liberalismo da comunidade judaica austríaca.

Com o advento do nacional-socialismo na Alemanha e na Áustria, Karpfen passou a atuar firmemente em defesa da independência de seu país em órgãos de imprensa católicos, como a revista *Der christliche Ständestaat*. Aos poucos, transformou-se em um ideólogo da vertente social-cristã, cujo ápice foi seu engajamento no governo de Engenbert Dollfuss.

Em 1938, com o *Anchluss*, Carpeaux refugiou-se, primeiro, na Antuérpia, onde encontrou trabalho no *Gaset Van Antwerpen*, o maior jornal belga de língua holandesa. Em 1939, em face do avanço das tropas hitleristas, abandonou a Bélgica e veio para o Brasil. Durante a viagem, de navio, a Guerra teve início na Europa. Ele e sua mulher, a cantora lírica Helena, desembarcaram em 1939 com uma bagagem de livros raros e um pedido de asilo do papa Pio XII dirigido ao intelectual católico Alceu Amoroso Lima, que o acolheu. Em menos de um ano, Karpfen – agora Otto Maria Carpeaux – aprendeu a dominar o português, adotando o Brasil como seu habitat intelectual, a ponto de se naturalizar em 1944.

Foi no jornalismo que Carpeaux encontrou seu ganha-pão regular e onde conquistou admiradores e amigos, de Aurélio Buarque de Holanda a Graciliano Ramos, de Franklin de Oliveira a Álvaro Lins, de Antonio Callado a Alceu de Amoroso Lima e Carlos Drummond de Andrade. Foi também na imprensa que se envolveu em algumas polêmicas e publicou boa parte de seus artigos e ensaios.

Uma dessas polêmicas revela alguns aspectos da relação do crítico literário com o cerne do movimento modernista brasileiro. Em 1943, diversos intelectuais, muitos deles alinhados ao movimento modernista, assinaram um manifesto de repúdio a Carpeaux, com a acusação de colaborador do nazismo. O fato que provocou essa manifestação foi um obituário do escritor Romain Rolland, assinado por Carpeaux, na qual ele faz uma avaliação pouco elogiosa da obra do autor do ciclo romanesco *Jean-Christophe*. Rolland era um defensor da posição pacifista dentro da Europa, desde a publicação de *Au-dessus de la mêlée* em 1915, e tido em alta conta por parte dos setores modernistas no Brasil. A resposta ao texto de Carpeaux, na forma de um manifesto, foi contundente. Entre os signatários do documento, estavam Mário e Oswald de Andrade, Guilherme Figueiredo e Carlos Lacerda.

A obra de Otto Maria Carpeaux, mesmo que construída no universo irregular da escrita jornalística, está longe de ser uma obra fragmentária. Pelo contrário, existe uma organicidade que a perpassa. Nos seus primeiros escritos – *A Cinza do Purgatório* (1942), *Origens e Fins* (1943) –, já se podem encontrar os temas e recursos fundamentais de Carpeaux, mais tarde aplicados na elaboração de sua *História da Literatura Ocidental*, escrita em 1944-45, mas só publicada no final da década de 1950.

Sua concepção de cultura e história permite vislumbrar um retrato do Brasil que não se constrói pela exacerbação da nossa singularidade, mas pela nossa inclusão no fluxo intelectual da sociedade ocidental. Podemos observar isso em um de seus ensaios. Em 1943, ele publicou uma coletânea intitulada *Origens e Fins*. Em uma de suas passagens, o autor faz uma análise do trabalho do crítico literário Álvaro Lins e fornece uma lúcida interpretação de sua condição de exilado:

“O Sr. Álvaro Lins é o crítico da crise das letras brasileiras. Falando em “crise”, não pretendo denunciar, evidentemente, agonias mórbidas, mas ao contrário, transições fecundas atormentadas pelas dores do parto duma nova época dessa literatura brasileira que eu acho, desde já, uma parte integral e importante da literatura universal. E falando sobre as letras brasileiras, estou-me servindo da autorização que a autoridade do Sr. Gilberto Freyre me conferiu, quando falava, outro dia, da minha “integração na nossa vida intelectual”. [...] A literatura é a expressão máxima da vida espiritual de uma nação; sobretudo nas civilizações jovens, onde ela representa o lieu geometrique de todas as atividades intelectuais. A literatura é a via regia para a compreensão de uma nação. acho que um intelectual recebido num país estrangeiro não tem o direito de aproveitar-se desta hospitalidade sem o dever, dever muito rigoroso, de interessar-se profundamente pela literatura desse país, até às últimas possibilidades de compreensão.”

Essa citação consta de uma seção denominada, não por acidente, *No Mundo Novo* e, acredito, torna claras duas questões que mobilizam esta pesquisa. A primeira é que uma vez se definido como um intelectual estrangeiro em processo de aproximação a uma outra cultura, Carpeaux se coloca como tendo deveres e obrigações para com ela.

É interessante ver, em segundo lugar, que aparece como um dever “rigoroso” do exilado, acolhido no novo mundo, a compreensão da relação nação/literatura na sua profundidade local. Aliás, a literatura como expressão máxima da nacionalidade torna-se, nesse caso, o acesso privilegiado a especificidade da civilização que se busca compreender. Não significa, com isso, deslumbrar-se com sua singularidade, antes ao contrário, trata-se de, ao entendê-la, incorporá-la ao fluxo da civilização ocidental.

Carpeaux pensa a relação literatura/nação brasileira como parte de uma história universal da qual faz parte a Espanha de Lorca, a Itália de Croce etc.

Considerando as narrativas que tratam da condição do exílio, a auto-definição de um “estrangeiro com um dever a cumprir” não é a mais comum. Carpeaux parece querer encontrar para si um lugar de vitória pessoal, de superação da perda trágica que o exílio impõe. Creio, portanto, que é conveniente algumas considerações sobre a escrita do exílio e uma problematização, ainda que inicial, da preocupação de Carpeaux com a assimilação.

Quase ao mesmo tempo em que Carpeaux, chegou ao Brasil Vilém Flusser, judeu nascido em Praga em 1920. Flusser estudou filosofia, sem concluir o curso. Veio para o Brasil após a invasão alemã em Praga no ano de 1939. Nos primeiros vinte anos no país, dedicou-se principalmente a atividades empresariais e formou-se como autodidata. Entre 1958/59, decidiu abandonar as atividades comerciais e se engajar na comunidade filosófica brasileira através do Instituto Brasileiro de Filosofia. Apesar de discordar de como era feita a filosofia no Brasil, tornou-se professor convidado da Escola Politécnica da USP (Universidade de São Paulo), lecionando a disciplina de Filosofia da Ciência. Foi um dos fundadores do curso de Comunicação Social da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado).

Em uma de suas obras mais tardias, a *Fenomenologia do brasileiro*, escrito em 1994 sob o título *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung (Brasil, ou a procura de um novo homem: por uma fenomenologia do subdesenvolvimento)*, Flusser observou com originalidade a condição do exílio, colocando-a no centro de seu olhar sobre o Brasil. Com um forte pessimismo, definiu a condição humana a partir do exílio, visto como situação

inelutável. O filósofo seria um exilado consciente de seu perpétuo nomadismo, e a filosofia se transformaria literalmente num exercício peripatético. No desenvolvimento de sua análise, Flusser constrói um paralelo entre o filósofo e a condição do brasileiro.

O brasileiro, segundo Flusser, não perdeu a “história” – pois nunca esteve nela. Nunca esteve enraizado, nunca teve fundamento, nunca foi dono de si. Desta forma, o termo da alienação se coloca quando aplicado ao problema brasileiro. Alienação significa o alheamento de alguém a algo que seria sua realidade primordial. Alheios a que seriam os brasileiros? Se nunca tiveram uma realidade sua. Desse largo sentido de perda, Flusser abre a vista para o novo, o inesperado, o que está além do pensamento ocidental.

Por detrás da “alienação” manifesta-se o novo, uma estranheza profunda que não permite a acomodação do conhecido, um lugar que ainda está por se construir. O brasileiro seria o habitante permanente da pátria-exílio: a residência do porvir. O filósofo e o brasileiro teriam em comum, para Flusser, sua condição de exilados. A reflexão de Flusser no caminho que parte da perda para construir o novo é um dos exemplos que apontam para a condição do exílio como uma potência.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas- vol 1*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARPEUX, de Otto Maria. *A cinza do Purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1942.

_____. *Origens e Fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1943.

_____. *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC, 1949.

_____. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959-1966.

- _____. *A Batalha da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. *O Brasil no espelho do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. *Ensaaios reunidos – vol I e II*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do Brasileiro*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- LEMOS, Fernando e MOREIRA LEITE, Rui (Orgs.). *A Missão Portuguesa - Rotas Entrecruzadas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e Literatura*. São Paulo: Edusp, 2003
- PAULO, Heloisa. *Aqui também é Portugal: a Colônia Portuguesa do Brasil e o Salazarismo*. Coimbra: Quarteto, 2000.
- ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.
- SCHORSKE, Carl. *Viena Fin-de-Siecle*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- VENTURA, Mauro Souza. *De Karpfen a Carpeaux*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.
- ZWEIG, Stefan. *O mundo de ontem*. Rio de Janeiro: Livraria Civilização, 1957.